https://eventos.utfpr.edu.br//sei/sei2020

Homens no movimento feminista: um relato de experiência

Men in the feminist movement: an experience report

Leandro de Lima Ramos
leandroramos@alunos.utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

Daniele Costa Silva
danielesilva@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

RESUMO

As discussões sobre o papel e as relações dos homens com o feminismo permeiam o movimento há algum tempo, porém vem ganhando uma maior relevância nos últimos anos em eventos, atos e meios de comunicação virtual, como as redes sociais. Há diversos posicionamentos a respeito, os quais perpassam diferentes concepções acerca de gênero, sexo, masculinidade e feminilidade. O que torna o debate rico, complexo e inconclusivo. Neste trabalho, é apresentado um relato de experiência da participação de um homem em um coletivo feminista da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Cornélio Procópio, com o objetivo de colaborar com debate por meio de sua vivência e percepção do feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: Homens. Feminismo. Masculinidade.

ABSTRACT

Discussions about the role and relationships of men with feminism have permeated the movement for some time, but it has been gaining greater relevance in recent years in events, acts and virtual media, such as social networks. There are several positions regarding this, which go through different conceptions about gender, sex, masculinity and femininity. Which makes the debate rich, complex and inconclusive. In this paper, an experience report of the participation of a man in a feminist collective of the Federal Technological University of Paraná - Campus Cornélio Procópio is presented, with the objective of collaborating with debate through his experience and perception of feminism.

KEYWORDS: Man. Feminism. Masculinity

Recebido: 19 ago. 2020.
Aprovado: 01 out. 2020.
Direito autoral: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

INTRODUÇÃO

O debate sobre o papel do homem no feminismo é algo que permeia o movimento feminista há bastante tempo e vem ganhando destaque nos últimos anos em encontros acadêmicos, da militância, em atos públicos ou em meios virtuais de comunicação como sites, blogs e redes sociais (AZEVEDO, MEDRADO e LYRA, 2018).

A questão é bastante complexa e envolve discussões sobre concepções de sexo, gênero, masculinidade, feminilidade e estruturas de poder. O que faz com que vertentes feministas tenham diferentes respostas e posicionamentos. É válido ressaltar que não há um único feminismo. O movimento feminista é plural, e possui distintas vertentes as quais se relacionam com diversos modos de leitura de mundo e intersecções de gênero com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais.

Com o intuito de contribuir para esse debate, o presente artigo apresenta um relato da experiência do primeiro autor (e por essa razão é feito em primeira pessoa), com o auxílio da segunda autora no que concerne à contextualização e referencial bibliográfico, acerca de sua participação em um coletivo feminista da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Cornélio Procópio (UTFPR-CP), o *Prazer, Feminismo*.

O trabalho é composto de mais 5 seções, Materiais e Métodos em que é brevemente descrito o método utilizado, além de algumas informações sobre o coletivo; Resultados e Discussões na qual é apresentado o relato de experiência; e por fim, as Conclusões, Agradecimentos e Referências.

MATERIAIS E MÉTODOS

O relato de experiência é uma modalidade que integra a pesquisa qualitativa e consiste na descrição, contextualizada e com aporte teórico, de uma dada experiência que contribua com a discussão, a troca e a proposição de ideias de uma determinada área de atuação. Com base nisso, trago o relato sobre a minha participação no coletivo Prazer, Feminismo, com o propósito de contribuir para a discussão sobre o papel do homem no feminismo.

O Prazer, Feminismo é um coletivo feminista formado por estudantes, docentes, servidores da UTFPR-CP e colaboradores da comunidade externa, o qual tem como objetivo promover espaços de diálogo e estudo sobre os desafios e possibilidades para o empoderamento e enfrentamento às opressões de gênero.

O mesmo nasce da indignação diante do triste episódio de um estupro coletivo de uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro em 2016, seguido da culpabilização da vítima por parte dos agentes públicos de segurança e da sociedade em geral, que impulsionou estudantes a organizarem-se para promover na universidade a discussão sobre temas relacionados à violência contra a mulher e a cultura do estupro, de modo a suscitar a reflexão, o debate e a conscientização em relação a esses temas, resultando na mesa redonda *Violência contra a mulher: a luta pelo fim da cultura do estupro,* realizada em 13 de junho de 2016 no anfiteatro da UTFPR-CP, conforme relatado em Paião, Silva e Santos (2017). Desde então o coletivo vêm desenvolvendo diversas ações com destaque aos projetos de

extensão, como o Rodas de Conversas Feministas, que desde julho de 2018 através de rodas de conversas e clubes de leitura se propõe a fomentar e orientar o debate acerca de pautas feministas.

E minha participação se dá por meio deste projeto de extensão, de julho 2019 até o presente momento, através de atividades presenciais e também virtuais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ingresso no coletivo *Prazer, Feminismo* em setembro de 2019 como parte da equipe executora do projeto *Rodas de Conversas Feministas*. Já havia tido contato anterior com discussões e pautas feministas por intermédio de redes sociais, as quais tem se têm se estabelecido como

> (...) um novo ambiente interativo, colaborativo e descentralizado que acarreta componentes inéditos e criativos nas dinâmicas dos movimentos políticos/sociais, fomentando, assim, o surgimento de novos processos organizativos de mobilização e de novas práticas dentro deste espaço social dos/as usuários/as (CASTRO, COURA E LINS, 2018, p.188).

Neste espaço e também com pessoas próximas, me propunha a apresentar temas abordados pelo movimento feminista por entender o mesmo como extremamente necessário, e que, portanto, precisava ser defendido inclusive por homens. Obviamente tive retornos negativos de pessoas fora do movimento, que utilizavam de termos pejorativos e sem sentido, como “Viado feminista”, ”Feministo” ou “O Feminazi”, termos esses proferidos por homens e também mulheres. Me lembro de ter ficado perplexo de como a quantidade de comentários negativos ultrapassavam os positivos. A cada 1 comentário a favor do feminismo em média 15 eram contra. O que evidencia uma visão distorcida do movimento, a qual deve ser desconstruída junto a sociedade; táticas de associação do feminino ou do não padrão de masculinidade hegemônico ao depreciativo, táticas estas utilizadas desde o início do movimento sufragista como forma de se referir pejorativamente a homens solidários ao mesmo (AZEVEDO, MEDRADO e LYRA, 2018) e relacionadas a ideia que o tornar-se homem está associado ao afastamento e combate violento a tudo que remete ao feminino (WELZER-LANG, 2001); e de como mulheres também estão sujeitas a reproduzir machismo, ressaltando a importância de renunciar uma visão determinista que supõe um tipo de experiência e consciência automática pelo fato de ser mulher, como bem discute Hernández (2008).

Apesar deste contato prévio e consciência a respeito do movimento feminista, antes do convite feito pelo coletivo *Prazer, Feminismo*, não havia pensado na possibilidade de integrar um coletivo feminista. No contexto de uma universidade tecnológica, isso está relacionado a supervalorização do aspecto técnico da formação, fazendo com que estudantes se concentrem, em sua maioria, apenas em atividades extracurriculares como empresas juniores e projetos de enfoque mais técnico, esquecendo o lado mais humano e político, ou até mesmo não se permitindo participar de qualquer atividade extraclasse, como era o meu caso e, infelizmente, de muitos alunos e alunas. O que vai na contramão das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos que destaca a responsabilidade das instituições de ensino superior com

> (...) a formação de cidadãos/ãs éticos/as comprometidos/as com a construção da paz, da defesa dos direitos humanos e dos valores da democracia, além da responsabilidade de gerar conhecimento mundial visando atender os atuais desafios dos direitos humanos, como a erradicação da pobreza, do preconceito e da discriminação (BRASIL, 2012a, p. 15).

A não participação em atividades fora do ambiente da sala de aula causou uma certa apreensão no início de minhas atividades no coletivo. Era tudo novo para mim, não havia participado de rodas de conversa, então não sabia o que esperar da situação, e nem como contribuir com ela, por isso tive receio, mas fui muito bem recebido. Participar dos encontros era sempre uma oportunidade de obter conhecimentos sobre os diversos assuntos em pauta. Além de participar das rodas, tive a oportunidade de colaborar na organização, marketing, criação de artes e divulgação das mesmas, bem como de palestras sobre variados assuntos e eventos estudantis.

Em relação aos eventos estudantis destaco a participação no VI COINTER - Congresso Interno dos Estudantes da UTFPR realizado no Câmpus Francisco Beltrão da UTFPR em novembro de 2019. A princípio iria como representante do coletivo *Prazer, Feminismo*, no entanto a ideia gerou estranhamento junto a outros coletivos e questionamentos sobre se um homem poderia representar um movimento de mulheres. Desse modo, optou-se pela minha participação como integrante do coletivo e ouvinte do evento em busca de verificar e contribuir com as discussões do movimento estudantil da universidade. Através desse episódio é possível notar, conforme nos apontam Azevedo, Medrado e Lyra (2018) ao trazerem relatos de situações semelhantes, que "(...) a questão da representação demarca os limites e possibilidades da relação entre homens e movimento feminista."

Acredito que a relação do homem com o movimento feminista seja de apoio à causa através de atitudes como, corrigir colegas que fazem piadas machistas, educar seus filhos a tratarem meninas como iguais e suas filhas para serem independentes, e problematizar o sexismo em todos os aspectos da vida, além do reconhecimento do papel de dominação em relação às mulheres, o qual é perpetuado a séculos, bem como, problematizar essa dominação, e a partir disso disseminar a importância do feminismo. Assumindo assim uma postura pró-feminista, que respeita o protagonismo da mulher no movimento feminista, e reconhece que deve haver mudanças na atual dinâmica de poder.

Esses valores foram ainda mais fortificados com a minha participação no coletivo *Prazer, Feminismo*, experiência esta que me proporcionou grande crescimento pessoal, e também profissional.

CONCLUSÕES

O presente trabalho traz o relato de experiência de um homem como integrante de um coletivo feminista e de sua percepção em torno da relação homem e movimento feminista, de modo a contribuir para o debate acerca de qual o papel do homem no feminismo. A questão é complexa e não há uma resposta correta. Entretanto, é necessário e urgente que homens questionem seus privilégios materiais, culturais e simbólicos, identifiquem que estes são frutos de

uma estrutura de poder que inferioriza mulheres e tudo que se relaciona com o feminino, e atuem como sujeitos políticos frente a esta opressão. E nesse ponto, instituições de ensino, inclusive universidades, possuem um papel fundamental. Não apenas de apoio a coletivos e movimentos sociais, mas de repensar sua posição de reprodutoras de preconceitos, investindo na capacitação e formação continuada de seus profissionais e conscientização dos estudantes.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária pelo apoio financeiro e ao coletivo *Prazer, Feminismo* por me receberem de braços abertos, e me oportunizarem grande crescimento pessoal.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.; MEDRADO, B.; LYRA, J. Homens e o Movimento Feminista no Brasil: rastros em fragmentos de memória. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 54, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000300504. Acesso em: 24 ago. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer n°. 08, homologada em 30 de maio de 2012. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (EDH). Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2012a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10389-pcp008-12-pdf&category_slug=marco-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 02 set. 2020.

CASTRO, R. P.; COURA, A. C. M.; LINS, R. G. Homens no movimento feminista? problematizações a partir de uma postagem da página não me Khalo no facebook. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v. 1, n. 1, jan./abr. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/236383. Acesso em: 24 ago. 2020.

HERNÁNDEZ , F. G. Para [qué estudiar a] hombres? Hombres, feminismo y estúdios sobre masculinidades. In: **III Colóquio Internacional de Estudios Sobre Varones y Masculinidades.** Medelin, 2008.

PAIÃO, C.; SILVA, D. C.; SANTOS, S. E. L. dos. Ciclo de debate feminista: rompendo barreiras em uma universidade tecnológica. In: XIV Jornada do HISTEDBR, 2017, Foz do Iguaçu. **Anais da Jornada do XIV HISTEDBR: pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da Revolução Russa**. Foz do Iguaçu, 2017.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível

em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2001000200008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 ago. 2020.